

**PERCEPÇÃO DE RISCO E VITIMIZAÇÃO DE POLICIAIS CIVIS –
ESTUDO COMPARATIVO NAS CIDADES DO RIO DE JANEIRO E DE CAMPOS DOS
GOYTACAZES**

Patrícia Constantino

Doutora em Saúde Pública/ ENSP/FIOCRUZ

RESUMO

Este artigo é parte da tese de doutorado intitulada Riscos Percebidos e Vividos por Policiais Civis - Estudo Comparativo nos Municípios de Campos dos Goytacazes e do Rio de Janeiro, defendida em 2006 na Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz. O objeto deste artigo é a representação social de risco percebidos e vividos pelos policiais civis do município de Campos dos Goytacazes comparada à dos policiais civis do município do Rio de Janeiro. Utilizou-se como metodologia a triangulação de métodos, com aplicação de questionários aos policiais e realização de entrevistas e grupos focais. A percepção do risco entre os policiais de Campos dos Goytacazes é menos intensa do que a dos policiais da capital assim como a sua vivência. Constatou-se que os policiais da cidade do interior percebem a exposição ao risco, pela via do confronto armado, como parte integrante da identidade e qualificação profissional.

Palavras chaves: Polícia Civil, Risco, Saúde Pública.

ABSTRACT:

This article is part of the doctoral thesis entitled Risks Perceived and lived by Civil Police - Comparative Study of Municipalities in the fields of Goytacazes and Rio de Janeiro, held in 2006 at the National School of Public Health- Oswaldo Cruz Foundation.

The principal aim of this article is the social risk representation of the civil police officers of the Campos dos Goytacazes compared to the Rio de Janeiro civil police officers. The methodology used was a triangular contest of methods. The quantitative search was applied thru a similar questionnaire on officers of both cities. The survey has issues related to the work conditions, health and the quality of life of these officers. The sample focused 4 groups of police officers at two police stations of the cities studied and interview with two commission agents as well as a participant observation. The risk perception of the police officers of Campos de Goytacazes is less intensive than the police officers of Rio de Janeiro. It was evidenced that officers of the small city perceive the expose risk for the way of the armed confrontation as an integrant part of the identity and professional qualification.

Key words: Civil Police officers, Risk, Public Health.

INTRODUÇÃO

“Acompanhar o dia a dia desses trabalhadores que vivem no viés da marginalidade da sociedade, que têm ordens internas rígidas que na prática são impossíveis de serem cumpridas, que exercem suas atividades em condições de risco e, ao mesmo tempo, respeitar suas formas de adaptação carregadas de sofrimento, medo e insegurança, nos faz desenvolver uma nova consciência crítica em relação a Polícia Civil” (Bourguignon, 1998, p.112).

A competição e a luta pela sobrevivência na sociedade atual ao mesmo tempo tende a atrair e a atemorizar as pessoas. Desse modo, o risco passa a ser encarado como um companheiro do cotidiano, que precisa ser conhecido, calculado e controlado.

O ser humano, pela racionalidade, pode até tentar controlar os fatos desafiadores, porém a incerteza, segundo Berstein (1997), continuará sendo uma característica inevitável do futuro, impedindo-o de banir totalmente o destino de suas esperanças e temores. Qualquer decisão relativa ao risco envolve, para o autor, dois elementos distintos e inseparáveis: os fatos objetivos e a visão subjetiva do desejo do que se ganhará ou perderá a partir de uma decisão tomada.

Le Breton (1991) mostra que as paixões modernas do risco nascem da desarmonia moral, que emerge nas sociedades ocidentais, de um presente muito comprometedor e de um futuro pouco dedutível. Na ansiedade de viver, o indivíduo impõe a si uma necessidade de valorizar sua presença no mundo e, assim, muitas vezes ignora o perigo, superestima sua capacidade e busca a superação. Le Breton discute ainda, o que chama de “pedagogia do risco”; afirmando que a experiência adquirida pela repetição da exposição e a integração de técnicas, faz com que a percepção do risco seja minimizada. Essa talvez seja uma explicação plausível para a percepção de risco bastante mais acentuada dos Policiais de Campos se comparada aos eventos de risco experimentados.

Le Breton (1991) alerta também que o risco não é uma disposição permanente do indivíduo. Isso significa que, embora uma pessoa já tenha vivido alguma situação de risco, não quer dizer que esteja sempre pronta a enfrentar outras. A repetição de eventos perigosos nem sempre banaliza a vivência de riscos típica da natureza da profissão policial. O fato desses trabalhadores, principalmente os que atuam no confronto direto, conviverem rotineiramente com o risco, não assegura a eles um “equilíbrio psicológico” adquirido pela experiência, muito pelo contrário. Há os que ficam mais temerosos e os que passam a minimizar os perigos. O autor fala sobre a atitude “contrafóbica”, que leva uma pessoa em situações de risco a encará-las ao invés de fugir ou evitar. Desta maneira, o indivíduo luta contra a angústia, atirando-se em sua direção, pondo-se corpo a corpo com o desafio. Uma vez enfrentando o medo, ele se dissipa e, por alguns instantes, há a sensação de tê-lo dominado. O que acontece nos casos em que não há situações possíveis de enfrentamento? A percepção do risco é superestimada pelo imaginário relativo ao risco desconhecido, como o que ocorre com os Policiais de Campos dos Goytacazes.

De acordo com Le Breton, o risco é horizonte inseparável da condição humana, e se constrói a partir das características sociais e culturais de cada grupo, incorporando fragilidades que variam em função do tempo e do lugar. Uma definição objetiva do risco e dos perigos está sempre misturada às subjetividades das representações dos sujeitos e de seu imaginário social. Castiel reforça essa idéia quando diz:

“A noção de risco é proteiforme - pode envolver aspectos econômicos-desemprego, miséria;- ambientais- diversos tipos de poluição;- relativos a condutas pessoais - maneiras indevidas de comer, beber, exercícios físicos-dimensões interpessoais-formas de estabelecer/manter relações amorosas/sexuais-criminais- eventos vinculados a violência urbana. Todos esses riscos fermentam, misturam-se e extravasam para a âmbito sócio-cultural, tornando-se signos/símbolos. Em síntese a “experiência” do risco participa da configuração de matizes identitárias e da formação de subjetividades, suscetíveis a interpretações” (2004, p.84).

Lupton citada por Castiel (2004) sistematiza uma classificação de riscos:

- Realista- o risco é um perigo, ameaça objetiva que existe e que pode ser mensurada independentemente de processos sociais e culturais, mas pode ser distorcido ou enviesado por arcabouços interpretativos sociais e culturais. Essa postura é visivelmente assumida pela epidemiologia e pela maioria das ciências cognitivas que abordam percepções do risco.
- Construcionista “fraca” - o risco é um perigo, uma ameaça inevitavelmente mediada por processos sociais e culturais e não pode ser conhecida separada deste processo. Aqui se incluem perspectivas da “sociedade de risco” pelo estruturalismo crítico, de Ulrich Beck (2002, 2003) e também das abordagens “culturais e simbólicas de Mary Douglas (1982;1986;2002)
- Construcionista “forte” - nada é um risco em si. O que se entende como sendo um “risco”, ou perigo, ameaça, é produto de modos de olhar historicamente, socialmente, politicamente contingentes.

A vivência do risco policial estaria inserida em que categorias? Não se pode negar o risco real constatado pela maior vitimização de policiais se comparada com a população de uma maneira geral. Porém tanto no Rio e ainda mais em Campos, há uma percepção do risco maior do que as situações vividas de fato, principalmente nessa cidade do interior. O que leva a pensar que o risco faz parte da descrição do trabalho policial, independente da função exercida ou do local de atuação. Nesse sentido a hipótese desse trabalho seria posta em cheque. Todos os teóricos que discutem a cultura policial são unânimes em apontar o risco e o perigo como ingredientes dessa profissão.

Snolnick citado por Monjardet (2003) ressalta a especificidade do trabalho policial e alerta para a questão do perigo:

Como os militares, os policiais enfrentam o perigo; como os professores, devem construir uma relação de autoridade com o seu público; como todo trabalhador, têm a preocupação com a eficácia da sua ação; mas só eles combinam esses três elementos em sua situação de trabalho. Disso decorre uma série de propriedades que são a consequência obrigatória dessa situação. Assim se constroem “óculos cognitivo” e uma “personalidade de trabalho”, marcados pelos traços partilhados por todos, sejam quais forem o grau e a função. Esses traços comuns são a onipresença da suspeita na relação com o outro, o sentimento- sobre um fundo de profundo mal entendido na relação entre a polícia e o público- de um isolamento social que uma solidariedade interna muito forte vai tentar compensar, a valorização de um pragmatismo de princípio que decorrem o conservadorismo intelectual, político e social, o machismo e a generalidade de preceitos éticos (2003, p.163).

Monjardet aponta que,

Nenhuma tarefa policial obtém unanimidade dos julgamentos sobre o verdadeiro trabalho policial. Mas há uma que é imperativa para todos e prioritária diante de todas: prestar assistência ao colega em perigo. Encontra-se sem dúvida esse reflexo em todos os ofícios perigosos: marinheiros ou mineiros fazem o mesmo. Mas a solidariedade policial é muito mais ampla porque ela não resulta apenas, e nem mesmo principalmente, dos riscos do ofício, mas antes, mais amplamente, da partilha da condição policial. Nesse aspecto ela é a marca de uma polícia no duplo sentido da identidade: o idêntico e o singular (2003, p. 199).

A discussão sobre a existência de uma cultura policial não é unânime. Bretas & Poncioni defendem que:

“No universo organizacional, a visão construída pelos policiais sobre o “mundo policial” e o “mundo social”- isto é, o sistema de representações sociais que é compartilhado entre os policiais - expressa não só o sistema legal, mas também as crenças, os preconceitos e os estereótipos produzidos no interior da própria organização policial sobre as experiências concretas e diárias do seu trabalho. Na dimensão cotidiana das atividades policiais, a percepção

que o policial tem de si mesmo e do conjunto de situações que vivencia, bem como suas atitudes e sentimentos em relação a elas são codificados em um acervo de conhecimento que vai além do pessoal, tornando-se um saber compartilhado, organizacional, próprio do policial.” (1999, p.151)

Já Monjardet (2003) chama atenção para o fato de que a situação do trabalho policial não é marcada pela onipresença do perigo. As funções dos policiais apresentam um leque muito amplo de exposição: alguns o vivem cotidianamente, outros praticamente nunca o enfrentam. Mas, segundo a autora, a questão não é esta: a percepção do perigo, e seus eventuais efeitos sobre a definição pelo policial de sua situação de trabalho, são uma construção social em função de suas expectativas em relação ao ofício que escolheu exercer. O perigo pode estar muito presente para aqueles que entraram para a polícia movidos pelo projeto de ocupar um emprego estável, numa administração pública; nesse caso, ele é o custo por vezes imprevisto ou inicialmente subavaliado da segurança no trabalho. Em compensação, segundo a autora, para muitos policiais a evocação do perigo suscita um dar-de-ombros ou sarcasmo.

Amador (2002) fala da impossibilidade de expressão do medo no exercício do trabalho policial que por um lado parece relacionar-se à prescrição para a coragem no âmbito da organização prescrita do trabalho policial e, por outro lado, à possível existência de um código de regras, criado pelo grupo de trabalho, pressupondo o banimento do medo, código ao qual todos devem subordinar-se. A imagem de que o policial não pode e nem deve sentir medo pode ser constatada por exemplo, em matérias como a divulgada no Globo Online: “*Quando até a Polícia tem Medo*”. Como se fosse impensável esse sentimento para essa categoria. Assim, a percepção do risco faz parte de uma “cultura policial”, assim como a impossibilidade de manifestação do sofrimento advindo desta vivência.

O risco e o seu enfrentamento parece ser um dos “pré-requisitos” para a condição policial. Aqueles que o enfrentam cotidianamente sofrem com a exposição, mas parecem sair mais fortalecidos e vivenciam o prazer de ter dominado o perigo. Aqueles que ainda não experimentaram, mas que foram treinados para enfrentá-lo, ao mesmo tempo em que o temem, esperam ansiosos para ver em prática aquilo que só conhecem na teoria. É como se algo faltasse para a sua “identidade policial”.

MATERIAIS E MÉTODOS

Utilizou-se como metodologia a triangulação de Métodos:

A **pesquisa quantitativa** foi composta de um questionário aplicado aos policiais do Município de Campos dos Goytacazes e comparados aos aplicados no ano anterior aos policiais da Capital do Estado, similar ao utilizado com os policiais do Rio de Janeiro. O questionário contém questões relacionadas às condições de trabalho, saúde e qualidade de vida destes profissionais

Para fins comparativos estimei uma amostra de 533 policiais civis para a cidade do Rio de Janeiro e, para o município de Campos dos Goytacazes, trabalhei com um censo dos policiais existentes na cidade, totalizando 100. Entretanto, devido a recusas no preenchimento dos questionários, apenas 89 policiais de Campos participaram do estudo. Vale ressaltar que o plano adotado para o município do Rio de Janeiro, consistiu numa amostragem aleatória simples de conglomerados. Neste caso, um conglomerado foi entendido como sendo uma delegacia com o seu respectivo efetivo. Como cada unidade policial amostrada (delegacia) representava um certo número de unidades não selecionadas na população, decidi pela utilização de pesos amostrais para as unidades policiais de cada cidade estudada.

O questionário aplicado era constituído de 107 questões distribuídas em quatro blocos versando sobre: (1) características socioeconômicas; (2) qualidade de vida; (3) condições de trabalho; e (4) condições de saúde do policial. Para o presente artigo apenas as questões relacionadas ao risco forma analisadas.

Na **pesquisa qualitativa**, foram realizados 4 grupos focais com policiais das duas delegacias do Município de Campos dos Goytacazes e 2 entrevistas com delegados, além da observação participante.

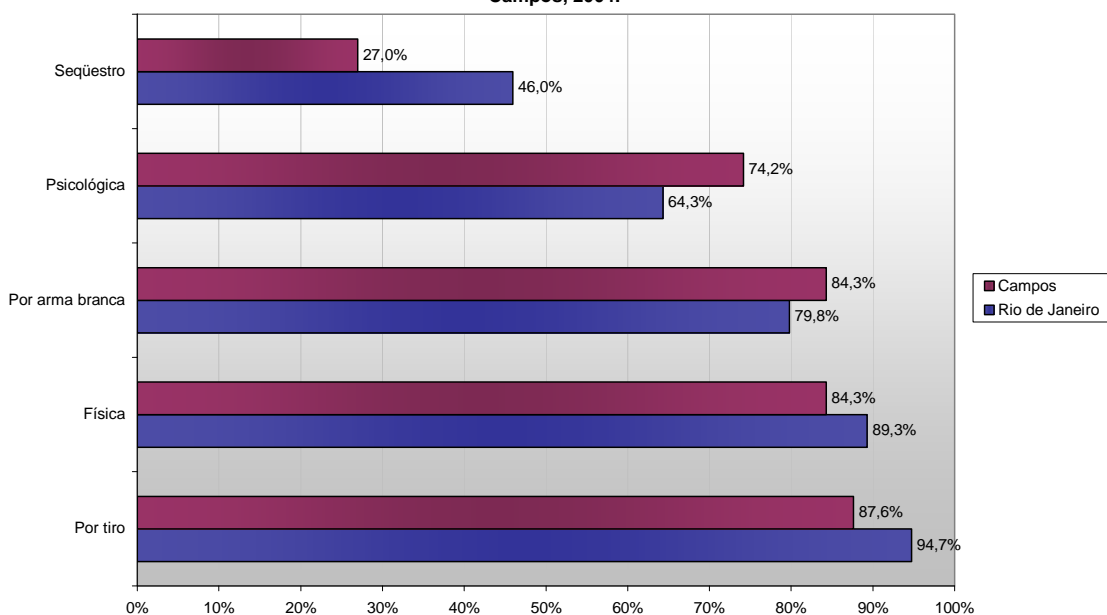
Em ambas as pesquisas (Rio de Janeiro e Campos) foram incluídos nos roteiros as seguintes temáticas: condições de trabalho e sua relação com a saúde; riscos e estratégias para lidar com estes riscos; e reconhecimento do trabalho policial atribuído pela sociedade e pela própria instituição. A fim de facilitar a análise comparada, o roteiro dos gestores teve a mesma base de conteúdo que o dos policiais.

Nos dois estudos foram usadas três técnicas: grupo focal, entrevista individual e, de forma complementar, observações de campo.

RESULTADOS

Na pesquisa foi perguntado aos policiais sobre os riscos que corriam no exercício de sua profissão. A percepção sobre os riscos de agressão pode ser constatado no gráfico 1 e as que se referem à percepção do risco de acidentes estão no gráfico 2. Houve diferença significativa entre as duas cidades apenas no risco de ser seqüestrado. No entanto podemos perceber uma maior percepção dos policiais do Rio de Janeiro em relação à agressão por tiro, a mais presente para ambas as cidades (94,7% no Rio e 87,5% em Campos), agressão física (89,3% no Rio e 84,3% em Campos) e seqüestro (46% no Rio e 27% em Campos). Os policiais de Campos apresentam uma maior percepção em relação a agressão por arma branca (84,3% em Campos e 79,8,3% no Rio) e agressão psicológica (74,2% em Campos e 64,3% no Rio).

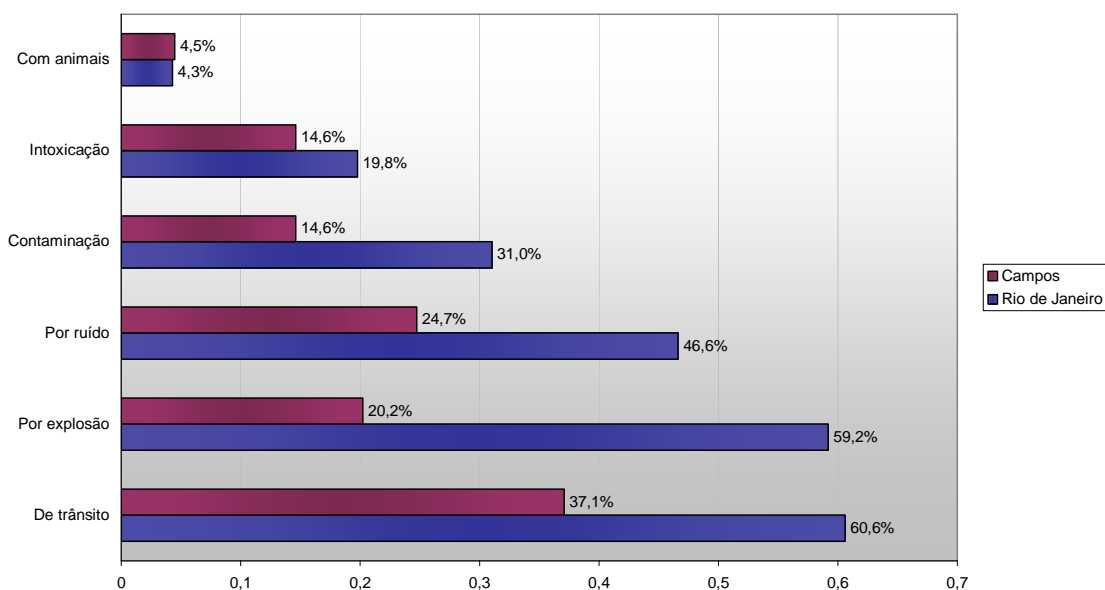
Gráfico 1: Distribuição proporcional dos policiais civis segundo riscos de agressões. RJ, 2002 e Campos, 2004.



Em relação ao risco de sofrer acidentes houve diferença significativa entre as cidades nos seguintes itens: risco de ser atropelado, risco de explosão, risco de sofrer danos de audição e contaminação por bactérias.

Ser atropelado ou sofrer acidente de trânsito foi mencionado por 60,6% dos cariocas e 37,1% dos campistas. O risco de sofrerem explosão também foi significativamente mais assinalado pelos policiais do Rio (60,4%) em comparação com os de Campos (20,2%). O risco de danos de audição decorrentes do trabalho também foi mais ressaltado pelos policiais do Rio (46,8%) em comparação com os de Campos (24,7%).

Gráfico 2: Distribuição proporcional dos policiais civis segundo riscos de acidentes. RJ, 2002 e Campos, 2004.

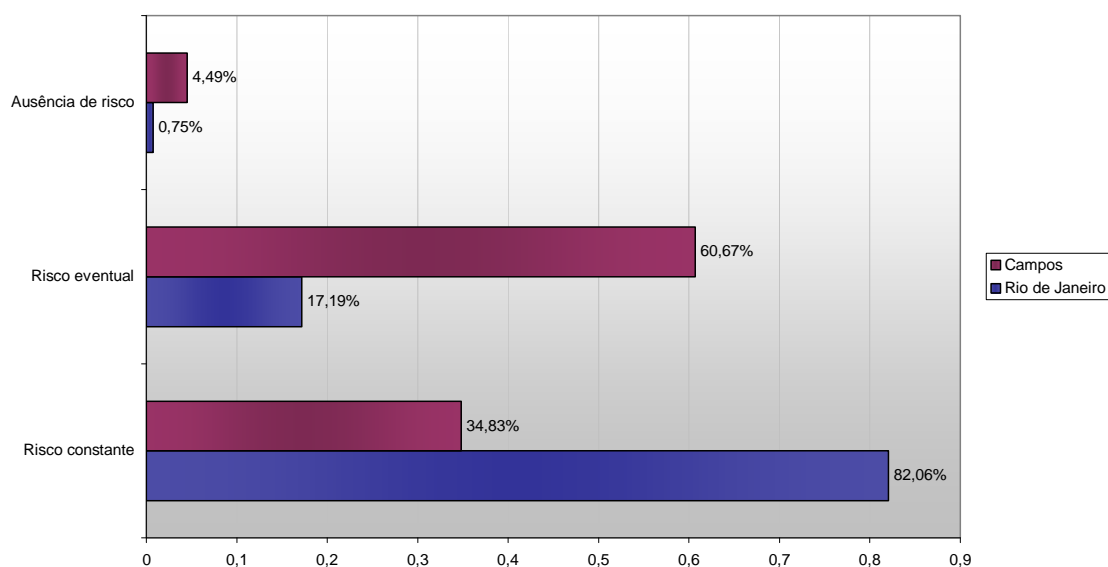


Portanto, a percepção em relação ao risco de sofrer agressões é similar nas duas cidades, com diferença apenas no que se refere ao risco de ser seqüestrado (maior no Rio). Já em relação aos acidentes há maiores diferenças entre os policiais das cidades estudadas.

O fato de residir na mesma comunidade em que atua foi apontado por alguns teóricos como um fator de risco para o policial (2002, 1998). Em relação a Campos 59,6% deles residem na mesma comunidade em que trabalham. No Rio esse percentual é apenas de 16,8%. Isso pode ser explicado pelo fato da cidade de Campos ser dividida em dois grandes blocos - separados pelo Rio Paraíba. Em cada lado fica situada uma delegacia e a maioria vive mais próxima a seu lugar de trabalho.

Foi pedido aos policiais que avaliassem o risco que correm na sua atividade atual na Polícia, como pode ser constatado no gráfico 3. Houve diferença significativa entre as cidades. O risco é “constante” para 82,0% dos policiais do Rio de Janeiro e 34,8% para os policiais campistas. Já a resposta “risco eventual” foi apresentada por 60,7% dos policiais de Campos e por 17,2% dos cariocas. A visão de que não há risco no exercício de suas tarefas foi apontado por 4,49% dos campistas e apenas 0,75% dos cariocas.

Gráfico 3: Distribuição proporcional dos policiais civis segundo ocorrências de risco na atividade atual. RJ, 2002 e Campos, 2004.
RJ- N= 517 Campos- N=89



Maiores proporções de policiais do Rio consideram que a sua família esteja em risco constante (40,5% e 22,5%) do que os de Campos.

Nesse sentido podemos dizer que a percepção em relação os riscos que sofrem nas duas cidades são similares em relação ao tipo de risco que correm (excetuando seqüestro e riscos de acidentes) e diferenciadas em relação à frequência da exposição ao risco: os policiais do Rio, mais do que os de Campos, consideram que estão, assim como as suas famílias, constantemente expostos ao risco.

Saindo da percepção do risco para a sua vivência, quando indagados se nos últimos 12 meses haviam sofrido perfuração por arma de fogo apenas 4,0% dos policiais cariocas responderam afirmativamente e nenhum policial campista tinha sofrido agressão por tiros. O que leva a concluir que a percepção de risco é significativamente maior que a realidade vivenciada pelos profissionais. No entanto, parafraseando Soares: *“sentir medo desnecessário não dói menos do que temer por motivos objetivos ou racionais”* (1996, p.10).

A ocorrência de agressões que afetaram à saúde durante o trabalho no último ano foram duas vezes maior entre os policiais do Rio (29,6%) em relação aos de Campos (14,8%, p.000). Nessa categoria se incluem os ferimentos causados por projétil de arma de fogo e branca, agressão física, violência sexual, tentativas de suicídio e homicídio.

Todos os tipos de riscos investigados predominam entre os cariocas, com exceção de assédio ou agressão sexual, relatado igualmente por pouco menos de 3% dos policiais das duas cidades com um leve incremento em Campos. A presença de agressão física, também, é discretamente maior em Campos mas sem configurar diferença significativa.

A agressão verbal é a principal queixa relatada pelos policiais nas suas relações com os cidadãos. Chama atenção a diferença existente nos percentuais de tentativas de homicídio entre as duas cidades.

Tabela 1: Distribuição proporcional dos policiais segundo os riscos sofridos durante o trabalho policial

Riscos sofridos	Campos	Rio
Agressão verbal	31,8%	37,0%
Queda*	4,5%	12,9%
Tentativa de homicídio***	2,3%	12,3%
Agressão física	10,2%	9,7%
Perfuração por arma de fogo*	-	4,0%
Lesões por atropelamento ou acidente com veículo motorizado	-	1,6%
Acidentes com animais usados no trabalho policial	-	0,2%
Explosão com lesões (combustíveis, bujão de gás, explosivos, fogos, bomba, granada, etc.)	-	0,6%
Contaminação por bactérias ou outros microorganismos	1,1%	2,4%
Perfuração por arma branca	-	1,0%
Assédio ou agressão sexual	2,3%	2,6%
Envenenamento, intoxicação por gases ou fumaça	1,1%	-

*p<.05; **p<.005; ***p.000

Queimaduras, envenenamentos e desmoronamento estão entre os riscos menos vividos, conjuntamente com tentativas de suicídio, perfuração por arma branca e assédio ou agressão sexual.

Reforçando a idéia de que a percepção é maior do que o enfrentamento do risco, um delegado de Campos pontua:

Existe o risco, mas eu não tenho nenhum relato de policial que tenham passado por situações de risco. Eu por exemplo, no meu dia a dia, nestes 3 anos, não me lembro de ter passado por nenhuma situação de fato arriscada e nem de ter que atuar fora do meu plantão. (Delegado)

Vale lembrar que os dados de vitimização de policiais, apresentado em capítulo anterior já demonstraram a diferença significativa entre as duas realidades: dois Policiais Militares foram mortos entre 2002 e 2005 em Campos. Não há registro de óbito de nenhum policial civil no período. Já na capital Souza & Minayo (2005) apontam que morreram, por todas as causas, 147 policiais civis no período de 1998 a 2004, dos quais 120 encontravam-se de folga. Vivências de situações de risco nas folgas também foram mais acentuadas por policiais cariocas. Responderam que passam por “muito risco” 47,6% dos policiais do Rio e 29,2% dos campistas; “regular”, 52,8% dos de Campos e 41,9% dos cariocas; “pouco risco”, 12,4% de Campos e 8,9% dos cariocas e “nenhum risco” foi apontado por 5,6% dos policiais de Campos e 1,6% dos cariocas. Essa diferença significativa entre as duas cidades ecoa nas estatísticas dos policiais cariocas vitimizados nas folgas.

O risco relacionado ao exercício de outras atividades também é maior na percepção dos policiais do Rio de Janeiro: 59,3% dos cariocas consideram ser muito o risco corrido contra 29,2% dos policiais de Campos. Esse dado está diretamente relacionado à existência e à natureza das atividades extra-policiais que esses profissionais exercem. Os policiais do Rio fazem mais “bico” do que os de Campos e a natureza deste trabalho geralmente é segurança privada.

Um fator importante ressaltado por alguns autores entre eles Amador (2002) e Lima (1995) é que existe um código implícito da categoria que considera mais policial aquele que se expõe a ocorrências perigosas e arriscadas. Essa visão foi ressaltada na pesquisa qualitativa quando os de Campos queixaram-se da discriminação que sofrem em relação aos policiais do Rio: “*Eles (policiais da capital) acham que a gente só*

atende ladrão de galinha e briga de marido e mulher, e não é verdade!". (Grupo focal) *"Acham que são os bons só porque correm mais risco de morte do que a gente, mas a gente não está livre não"* (Grupo focal)

Essa lógica parece coadunar com a cultura da instituição policial. Analisando-se as capacitações oferecidas aos policiais das duas cidades, pode-se inferir que a própria Polícia identifica demandas diferenciadas para as duas realidades. Enquanto no Rio há mais capacitações técnicas, em Campos as capacitações quase se restringem às teóricas. Está implícito um diagnóstico diferenciado para as cidades: no Rio, capacitação para o combate e em Campos para as questões relacionadas ao atendimento ao público. Mas queixa-se um policial campista, *"ninguém fez concurso para ser polícia para ficar no ar condicionado resolvendo intriga de marido e mulher"*.(Grupo focal). O discurso dos policiais de Campos é bastante ambivalente em relação à demanda que chega a eles: ora queixam-se de que são considerados meros policiais de "ladrão de galinha" e em muitos outros momentos assumem que suas atividades se restringem, quase que exclusivamente, ao atendimento a pequenas causas e questões burocráticas. Um delegado de Campos comenta: *"não resta a menor dúvida que os problemas da capital são maiores que os problemas do interior, ou melhor dizendo, são mais graves."* (Delegado). E nos grupos focais os policiais apontaram: *" Tanto aqui, e muito mais ainda no Rio, a questão deixou de ser o que é ser policial para ser como ser policial e continuar vivo. No Rio então nem se fala"*. (Grupo focal)

Na pesquisa realizada com os policiais civis do Rio, estes apontaram que atuar na capital, principalmente pelo acirramento de conflito com o tráfico de drogas, os deixa em uma situação privilegiada em relação ao risco.

Os policiais campistas parecem não ter dúvidas de que estão em vantagem quanto a segurança, em relação aos colegas que trabalham no Rio de Janeiro. No entanto apesar do menor risco cotidiano sentem-se mais vulneráveis por atuarem em uma cidade menor, onde "todo mundo conhece todo mundo" e não se tem como esconder que é policial: *" o anonimato nesta cidade não existe."* Neste sentido se percebem mais em risco do que seus colegas: *"a diferença não é quantitativa (no Rio tem mais situações de risco) e sim qualitativa "*, diz um policial no grupo focal.

No entanto, os policiais de Campos têm uma percepção equivocada de que existe um incremento da violência a cada dia e comentam que estão precisando mudar seus hábitos para lidar com o novo quadro: *"Aqui em Campos até pouco tempo eu não saía de casa armado, agora não tem como."* (Grupo focal)

Soares (1996) ressalta a *"centralidade da arma de fogo na economia psicológica geradora da auto-imagem masculina e da auto-estima"* (p.162). Afirma que no imaginário social há um vínculo positivo, "encantatório" e sexualizado entre arma e virilidade. O enfrentamento do risco, relacionado a características da juventude e da masculinidade, já foi apontada também por vários autores. Bitner (2003) ressalta:

"O que se requeria dos recrutas eram as virtudes másculas da honestidade, lealdade, agressividade, e a coragem visceral... como compensação os policiais recebiam a nobreza do serviço, a oportunidade de contribuir para o melhoramento da vida, e por fim, mas não menos importante, a promessa de aventura."(2003, p.16)

Promessa essa que na vivência dos policiais de Campos não se concretiza. O risco como algo que "motiva", "vicia" aparece no discurso e no imaginário. Essa realidade que ao mesmo tempo lhes dá mais segurança leva a que se vejam como meros executores de atividades burocráticas, o que para muitos torna o trabalho enfadonho e distante do que sonharam.

A visão de que necessitam de episódios de exposição de força foi trazida num grupo focal dos policiais de Campos:

"Aqui a gente não faz polícia. A Delegacia Legal é uma delegacia de papel. Você não sai mais para investigar, para dar "dura", você fica aqui engravatado fazendo atendimento burocrático, isso não é ser policial. Eu às vezes nem me vejo como policial . Você entra para a polícia sabendo que o risco existe e você fica esperando, desejando comprovar que existe de fato".(Grupo focal)

A rotina de Campos parece ser permeada pela ansiedade de que algo de natureza “realmente policial” possa acontecer, eventos em que os agentes possam de fato “fazer polícia”. Esse fato foi presenciado quando uma blitz foi montada pela polícia militar e pela polícia civil. Alguns policiais civis prontamente se ofereceram para fazer parte e se “vestiram” de policiais. Chamou a atenção a quantidade de armamento e a incorporação de um típico tira, lembrando o personagem Rambo. Indagado por um outro companheiro mais antigo um deles respondeu: não é sempre que a gente tem a chance de ir para a rua”. Dessa forma se pode inferir que não é apenas a convivência com o risco que causa sofrimento, mas sim a sua percepção, e por mais impressionante que possa parecer, a sua falta. Como afirma Muniz (1999): “o problema muitas vezes está no não acontecimento do evento arriscado”(p.53).

Um dos policiais civis de Campos, faz um jogo de palavras apontando que apenas uma letra separa as palavras risco e riso: “se você retirar a letra c da palavra risco ela se transforma em riso. E assim que o policial faz, acha graça de tudo, brinca com as situações arriscadas” (Grupo focal). Essa frase dá ênfase ao sentido de risco enquanto ousadia, aventura e prazer, como descrito por vários autores dentre eles Le Breton (1991) e Spink (2000, 2001, 2002). O risco, dentro dessa concepção e na visão destes homens, “instiga” e “excita”. Chama atenção o uso de uma terminologia que aproxima a vivência do risco ao prazer sexual: “é um puro gozo”.

Amador (2002) fala dos superpoderes que a instituição policial acaba incutindo em seus agentes. A isso, a autora, associa a categoria “Ironia do Medo”, segundo a qual o grupo exclui o colega que o demonstra. O policial que sente receios precisa se calar provocando em si um sofrimento psíquico ainda maior pela interdição da palavra. O sentimento de heroísmo também foi narrado por Lima (2004) em uma obra sobre a sua experiência com policiais. O autor chama de “complexo de Super Homem” à sensação de potência que enaltecem:

O conflito entre o heroísmo e o medo da morte, é o papel desempenhado pelo homem policial. Ser herói é corriqueiro para o policial, encenado de forma tão natural e presente na atividade, que de extremo estímulo para o ego e representativo de status, em verdade para o homem policial perde o seu verdadeiro simbolismo. Este tende a internalizar a conduta de heroísmo como fato permanente, transformando-se no eterno “mocinho cinematográfico”, superior aos demais mortais, sobre e pelo qual submete-se ao sacrifício diário para a solução dos problemas, doa-se ou empenha sua vida em um impulso heróico e, tal como “fênix”, a cada início de turno ou jornada renasce das cinzas de sua vida de cidadão, para o significante papel de policial, defensor da sociedade, pela qual deve dar sua vida em sacrifício (2004, p. 37).

Assim os policiais tendem a negar seus sentimentos e medos e, portanto, a dimensão humana que os iguala a todos os homens e mulheres. Eufemizam o risco e as imposições prescritas do seu trabalho, que também os ameaçam, reafirmando a onipotência e o domínio subjetivo da impotência vivida no trabalho, ao mascararem e conterem a ansiedade das situações de risco. Na reafirmação da potência, também se inclui o impedimento à manifestação do sofrimento. O policial que manifesta medo, evidencia que qualquer policial pode senti-lo e, uma vez que o medo parece significar impedimento à execução da tarefa, expressá-lo resulta na ameaça à segurança do grupo que necessita do apoio de todos os colegas para delegar-lhes a segurança de suas vidas. Nos dados comparativos entre os policiais do Rio e de Campos encontra-se maior grau de confiança entre colegas de trabalho nos policiais da capital. A exposição maior nesta cidade faz que, por estratégia defensiva, os colegas se protejam mutuamente.

Bourguignon (1996) apresenta, no caso dos policiais civis do ES, que uma das suas principais estratégias para lidar com o risco é a negação: recusar-se a fazer uso do colete protetor; recusar-se a aceitar as regras do plantão e usar bebidas alcoólicas. Chamou atenção a fala de uma policial de Campos quando indagada sobre as estratégias utilizadas: “Eu acho que essa pergunta não nos cabe, pois nós não vivenciamos isso no nosso cotidiano. Acho que não estamos preparados para responder”.

De fato, a argumentação de todos os grupos da cidade foi no sentido de se precaver do risco de reconhecimento fora do ambiente policial. Nenhum deles mencionou estratégias para se defenderem do risco no exercício da profissão. E na vida cotidiana buscaram uma melhor qualidade de vida, no lazer, no descanso e na atividade

física, válvulas de escape para a rotina de trabalho, que não é tão arriscada como a de seus colegas cariocas, mas é muito exaustiva e intensa.

A diferença das atividades do trabalho policial em Campos quando comparadas aos colegas do Rio, aparece na forma como a Corporação se relaciona com as delegacias do interior. Mas também se evidencia numa imagem mais positiva da comunidade local: “*Eles pensam: aqui em Campos isso não acontece* (se referindo a policiais dos grandes centros envolvidos com atos ilícitos)”. Já a visão dos policiais de Campos sobre a forma como a Polícia Civil vê os policiais do interior é bastante negativa: “*Parece que eles só valorizam os policiais da capital que são mais passíveis de sofrerem uma emboscada, de perderem a vida. Parece que só eles precisam de treinamento e de cuidados*” (Grupo focal).

DISCUSSÃO

Pelo Conjunto de informações e reflexões aqui descritos posso inferir que *risco* é um dos componentes centrais do universo policial. Algumas outras pontuações também são possíveis considerando a ambigüidade que o conceito encerra:

- a) O risco é mais imaginado do que real, em ambas as cidades, principalmente em Campos dos Goytacazes;
- b) Ele é temido, mas também desejado;
- c) Causa sofrimento, mas também prazer;
- d) É um dificultador para o trabalho cotidiano, mas também é um motivador para a prática.

No estudo da realidade da prática profissional nas duas cidades o risco é colocado como marco diferenciador entre os dois universos. Se por um lado os policiais campistas se vêem em vantagem em relação aos cariocas por estarem menos expostos, estes “se queixam” e (sentem-se) menos valorizados por não estarem no confronto direto com a criminalidade, dificultando a introjeção da identidade policial. Os dois pólos - excesso e ausência de risco - configura-se como um entrave à realização profissional, por identificarem como função exclusiva da polícia apenas o confronto direto com a criminalidade. Lima (2002) argumenta:

Essa idéia de que a polícia deve ser heróica e que o confronto mano a mano é que é o modelo ideal do trabalho policial deixa de levar em consideração exatamente aquilo que é a superioridade do Estado: a sua política de proteção à população de maneira geral, o que inclui, certamente, policiais e transgressores, mas também transeuntes, inclusive crianças e seus acompanhantes (p.75).

As inúmeras queixas de que hoje fazem “uma polícia de papel”, referindo-se à nova realidade da Delegacia Legal, leva-os a um saudosismo e a uma idealização da profissão por parte dos que são bastante jovens. O conservadorismo e o saudosismo já haviam sido apontado por Bretãs (1997) como um dos componentes da cultura policial. A falta que sentem de uma atuação que consideram “tipicamente policial” evidencia uma falta de clareza do real trabalho da polícia, já mencionado por diversos autores .

A própria percepção acentuada do risco, maior que as vivências, pode ser uma tentativa de manter “pulsante” uma característica estruturante da identidade profissional, pois baseado na observação e na fala dos policiais, esse sentimento é um dos poucos que lhes resta da universalização da condição profissional.

Apesar da percepção de risco ser mais intensa que as situações concretamente vividas não se pode negar a vulnerabilidade da categoria. Mesmo para os policiais de Campos onde o numero de incidentes os envolvendo é baixo, o *ser policial*, transcende a linha territorial : “*A gente não fica só em Campos, quando a gente precisa*

ir ao Espírito Santo mesmo a lazer, ou no Rio a lazer ou a trabalho, a gente continua sendo policial e nesses locais o risco é maior”

Tento a seguir, apresentar uma síntese quantitativa dos resultados sobre risco. Para isso apresento informações metodológicas e resultados de uma análise fatorial. Foi realizada uma análise múltipla com *todas* as variáveis, discriminadas em quatro passos:

⇒ **Modelo 1** - Modelo logístico para as três variáveis do nível de abordagem *Perfil* que resultou em apenas uma variável significativa (teste de Wald tipo III a 5% de significância): (1) escolaridade, sendo eleita para compor o modelo subsequente;

⇒ **Modelo 2** - Modelo que inclui a variável selecionada no nível *Perfil* e todas as do nível lazer/comunidade. Este modelo produziu as seguintes variáveis significativas: (1) escolaridade e (2) lazer domiciliar;

⇒ **Modelo 3** - Nesta etapa, foi analisado um modelo que incluiu as variáveis significativas do modelo anterior e todas as do bloco *Condições de Saúde*, tendo como resultado novamente as variáveis (1) escolaridade e (2) lazer domiciliar;

⇒ **Modelo 4** - Finalmente, foi feito um quarto modelo para as variáveis significativas até o bloco *Condições de Saúde* mais todas as que compunham o nível *Condições de trabalho*, resultando em quatro variáveis: (1) escolaridade, (2) lazer domiciliar, (3) se exerce o trabalho para o qual foi treinado, e (4) se realiza outra tarefa imediatamente após o plantão.

Com o intuito de aprimorar o modelo final, foi realizada uma nova análise múltipla incluindo desta vez, as quatro variáveis obtidas do modelo 4 mais aquelas também significativas da análise individual, mantendo-se a mesma lógica de inserção de variáveis segundo o nível de abordagem (origem). Essa nova configuração trouxe mudanças nas variáveis que compunham o modelo, resultando num modelo parcimonioso. A parcimônia foi concretizada pela análise da estatística de perda de ajuste, pela quantidade de variáveis no modelo e pela análise com os conceitos teóricos envolvidos.

Esta configuração final resultou num modelo com as seguintes variáveis: (1) escolaridade, (2) se exerce o trabalho para o qual foi treinado e (3) se realiza outra tarefa imediatamente após o plantão. A partir deste modelo parcimonioso de efeitos principais, procurou-se identificar as três possíveis interações de ordem 2, separadamente em modelos isolados. Nenhuma interação mostrou-se significativa nesta etapa; sendo assim, o modelo final apresentado é composto apenas de efeitos principais, isto é, sem interações. A análise dos resultados foi efetuada através de razões de chance brutas (modelos individuais) e ajustadas (modelo final). Tais resultados estão dispostos no quadro a seguir.

Variáveis explicativas para a variável risco sofrido (N = 416)		Razões Brutas	Intervalo de Confiança	Razão Ajustada	Intervalo de Confiança
Perfil					
ESCOLARIDADE	Até 2º Grau Incompleto	1,95	(0,670 5,680)	1,91	(0,680 5,360)
	2º Grau Comp./ Sup. Incomp	2,35	(1,520 3,650)	1,98	(1,250 3,140)
	Sup. Comp./ Pós Graduação	1,00	-	1,00	-
Condições de Trabalho					
EXERCE O TRABALHO PARA O QUAL FOI TREINADO	Não	2,19	(1,37 3,51)	2,11	(1,280 3,480)
	Sim	1,00	-	1,00	-
REALIZA OUTRA TAREFA IMEDIATAMENTE APÓS O PLANTÃO	Sempre/ Mtas vezes	5,45	(2,72 10,93)	5,17	(2,530 10,530)
	As vezes/ Poucas vezes	2,33	(1,09 4,97)	2,16	(0,990 4,680)
	Nunca	1,00	-	1,00	-

Quadro 1: Variáveis associadas à Vivência de Risco.

No Quadro acima, podemos verificar uma ligeira redução nas chances de um policial civil do setor operacional sofrer situações de risco no exercício de sua profissão (razões brutas e razões ajustadas). Além disso, notou-se que apenas variáveis de *Perfil* e de *Condições de Trabalho* evidenciaram significância estatística na configuração final do modelo.

Os riscos entre policiais que possuem 2º grau completo ou nível superior incompleto diminuiram pouco quando comparados àqueles que possuem diploma de nível superior. A chance de sofrer situações de risco passa de 2,35 para 1,98. Tal resultado corrobora a idéia de que policiais com menor escolaridade estão mais propensos a sofrerem situações de risco.

O fato de exercer o trabalho/tarefa para o qual foi treinado também se apresentou como estatisticamente significativo ($p < 0,05$) no que se refere a sofrer situações de risco. Aqueles que afirmaram não exercer o trabalho/tarefa para o qual foram treinados apresentam uma chance 1,11 vezes maior de sofrer situações de risco em relação aos que exercem devidamente o trabalho/tarefa para o qual foram treinados (razão ajustada = 2,11).

Realizar outra tarefa imediatamente após o plantão mostrou-se como um forte agravante sobre a variável de desfecho, quando comparada com policiais que nunca fizeram isto. Os policiais que afirmaram ter esta atitude sempre ou muitas vezes apresentaram chances 4,17 maiores de passarem por situações de risco, em relação aos que não nunca realizaram tarefas imediatamente após o plantão.

As demais categorias de variáveis apresentadas no Quadro 1 não evidenciaram significância estatística ($p < 0,05$), o que nos impede de fazer qualquer tipo de comentário.

Ao final pode-se dizer que a **vivência** do risco está relacionada à área de atuação, mas a **representação** do risco advindas da atividade policial não está exclusivamente relacionada à cidade em que estes profissionais atuam. Pude constatar que a percepção do risco faz parte da cultura do trabalho policial, nesse sentido, tanto os policiais de Campos quanto os policiais do Rio se consideram em risco. Encontrei diferenças importantes no que se refere à percepção da frequência de exposição ao risco, tendo os policiais da capital uma visão de que estão constantemente em risco, enquanto os de Campos de Goytacazes acreditam ser este eventual e até mesmo não haver risco na atividade atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADOR FS. Violência policial: verso e reverso do sofrimento. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; 2002.
- BRETAS ML. Observações sobre a falência dos modelos policiais. *Tempo Social : Rev Soc USP* 1997a; 9: 79-94.
- BRETAS ML, Pooncioni P. A cultura policial e o policial civil carioca. In: *Cidadania, justiça e violência*. Rio de Janeiro: FGV; 1999.
- BENJAMIN C. Hélio Luz: um xerife de esquerda. Rio de Janeiro: Contraponto/Relume-Dumará; 1998.
- BITTNER E. Aspectos do trabalho policial. São Paulo: EDUSP; 2003.
- BECK U. *Risk society: towards a new modernity*. New York: Sage; 2002.
- BERNSTEIN PL. *Desafio aos Deuses*. Rio de Janeiro: Campus; 1997.
- BOURGUIGNON DR et al. Análise das condições de trabalho e saúde dos trabalhadores da polícia civil no Espírito Santo. *Rev Bras Saúde Ocup* 1998; 24: 95-113.
- CASTIEL, LD. Dédalo e os Dédalos: identidade cultural, subjetividade e os riscos à saúde. In: *Promoção da Saúde- conceitos, reflexões, tendências*. Czerina, D. & Freitas, CM (Orgs) Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2004.
- DOUGLA M. *Risk acceptability according to the Social Sciences*. London: Routledge and Kegan Paul; 1986.
- DOUGLAS M. *Risk and blame: essays in cultural theory*. London: Routledge; 1992.
- DOUGLAS M, Wilgavsky A. *Risk and culture*. Berkeley: University of California Press; 1982.
- GREENE J. *Administração do trabalho policial*. São Paulo: EDUSP; 2002.
- IMPERATO P, Mitchell J. *Acceptable risks*. New York : Viking; 1985.
- KANT de Lima. *A polícia na cidade do Rio de Janeiro: seus dilemas e paradoxos*. Rio de Janeiro: Forense, 1995.
- LE BRETON D. *Passions du risque*. Paris: Métailié; 1991.
- LIMA C. *Estresse policial*. São Paulo: AVM; 2002.
- LIMA, R. *Direitos Civis, Estado de Direito e Cultura Policial: A Formação Policial em Questão*, 2004. Disponível em www.necvu.ifcs.ufrj.br.
- MANN M. *States, war and capitalism*. Oxford: Blackwell; 1988.
- MINAYO MCS, Souza ER, organizadoras. *Missão investigar: entre o Ideal e a realidade de ser policial*. Rio de Janeiro: Garamond; 2003.
- MONJARDET D. *O que faz a polícia?* São Paulo: EDUSP; 2003.
- MUNIZ, J. *Ser policial é, sobretudo, uma razão de ser: cultura e cotidiano da Polícia Militar do Rio de Janeiro* [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: IUPERJ; 1999.
- SOARES LE, organizador. *Violência e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ISER; 1996.
- SOUZA ER, Minayo MCS. *Policial, risco como profissão: morbimortalidade vinculada ao trabalho*. *Ci & Saúde Col* 2005; 10: 917-928.
- SPINK MJP. *A construção social do risco no cenário da AIDS*. Brasília: CNPq; 2000. Relatório de Pesquisa.
- _____. *Trópicos do discurso sobre risco: risco aventura como metáfora na modernidade tardia*. *Cad Saúde Pub* 2001; 17: 1277-1311.
- SPINK MJ, Medrado B, Mello RP. *Perigo, probabilidade e oportunidade: a linguagem dos riscos na mídia*. *Psicologia: Reflex e Crít* 2002; 15: 151-164.